O CUIDADO DE SI: CONEXÕES ENTRE DESIGN DE MODA, PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO E ARTE CONTEMPORÂNEA

The care of self: connections between Fashion Design, subjectivation processes and Contemporary Art

Mesquita, Cristiane; Dra.; Universidade Anhembi Morumbi, cfmesquita@anhembi.br[1]

Artigo vinculado ao Projeto de pesquisa *O cuidado de si: conexões entre Design, processos de subjetivação e Arte contemporânea* que integra o Grupo de pesquisa *Design, arte e moda: conexões contemporâneas* (Diretório CNPq)

RESUMO

Este artigo apresenta alguns trajetos de pesquisa em torno da interação entre o corpo, processos projetuais, artefatos e produtos de moda, bem como de suas reverberações subjetivas. Destaca o *Projeto CUIDE-SE [o cuidado de si: atividades sobre você, seu corpo, sua roupa e sua imagem]* que oferece oficinas para grupos de pacientes em psicoterapia.

Palavras-chave: corpo; aparência; design de si; projeto cuide-se; clínica ampliada

Abstract

This article presents some of the paths of the research around the interaction between the body, projectual processes, artifacts and fashion products, as well as their subjective reverberations. It highlights the TAKE CARE Project [The care of self: activities about you, your body, your clothes and your image] *which offers workshops for groups of patients in psychotherapy.*

Keywords: body; appearance; self design; the care of self project; enlarged clinic

[1] Cristiane Mesquita é psicoterapeuta, professora e pesquisadora do Programa de Pós Graduação em Design [Mestrado e Doutorado] da Universidade Anhembi Morumbi, onde atua na linha de pesquisa Design: Teoria, História e Crítica; coordena o *GEzz - Grupo de estudos ziguezague: transversalidade e design*; e os projetos de pesquisa *O cuidado de si: conexões entre Design, processos de subjetivação e Arte contemporânea* e *Design e conspiração: perspectivas em ziguezague entre arte e filosofia.* É doutora e mestre em Psicologia pelo Núcleo de Estudos da Subjetividade - PUC-SP. Seus principais eixos de pesquisa incluem interações entre design, processos de criação, corpo, subjetividade, roupa, psicanálise e arte contemporânea. Atua como psicoterapeuta em consultório particular e como terapeuta voluntária no Instituto Sedes Sapientiae.

1- Introdução e panorama conceitual

Este artigo apresenta a proposta do *Projeto CUIDE-SE [o cuidado de si: atividades sobre você, seu corpo, sua roupa e sua imagem],* que vem sendo implantado no Instituto Sedes Sapientiae[2], na cidade de São Paulo (SP), desde o ano de 2014. Objetiva comunicar os primeiros trajetos deste projeto, apresentando o panorama conceitual e a proposta de trabalho com grupos de pacientes que funciona como um dos dispositivos da perspectiva entendida como "Clínica Ampliada".

Nesta pesquisa, articulam-se os campos do Design, da Filosofia da Diferença, da Psicanálise, da Arte contemporânea e da Moda, esta compreendida como um conceito expandido, que inclui o Design de moda, mas vai além dele. Implica transversalidades na abordagem dos vestíveis, bem como de suas interações com o corpo do usuário, deste com aqueles com os quais interage e da força desses vetores como componente da subjetividade contemporânea. A composição da aparência é entendida como variável de constituição subjetiva, em âmbito coletivo e individual.

Primeiramente, as origens do *Projeto CUIDE-SE* [3] são pautadas pela premissa de que a interação entre corpos e roupas pode ser constituinte de "territórios existenciais". Esta possibilidade, vinculada ao vestuário, é abordada nas pesquisas de Mestrado e Doutorado[4] desta autora. Nesta última, o conceito ganha vida por meio da personagem conceitual Jardelina da Silva, tema do documentário *Jardelina da Silva: eu mesma* (DVD, 55'. Dir: Cristiane Mesquita. São Paulo, DIPHUSA, 2006). Vale retomar algumas passagens, de modo a abrir nosso artigo para a proposta do projeto.

---

[2] http://sedes.org.br/site/

[3] Esta proposta originou-se com a participação da autora no debate *Para não tirar o corpo fora - Topografias do corpo - VIII Congresso Brasileiro de Transtornos Alimentares & Obesidade* (2009, SESC Paulista, SP), a convite da psicanalista Alessandra Sapoznik. A partir deste encontro, iniciou-se um grupo de estudos que reuniu psicólogos e acompanhantes terapêuticos em encontros sistemáticos, onde nasceram as primeiras ideias do projeto. O *CUIDE-SE* Começou a ser implantado no Sedes Sapientiae no 1º semestre de 2014. Iniciou os trabalhos com grupos de pacientes no 2º semestre de 2014; finalizou o 2º grupo em 29/05/2015 e ambos foram coordenados pela autora e pela psicanalista Deborah de Paula Souza.

[4] Respectivamente *Incômoda Moda: uma escrita sobre roupas e corpos instáveis* - PUC/SP (2000); *Políticas do Vestir: recortes em vies* - PUC/SP (2008); ambas orientadas pela Prof. Dra. Suely Rolnik. Tese disponível em www.sapientia.pucsp.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=8152

Um território se faz a partir de todo um conjunto de componentes - espaço, tempo, valores, comportamentos, trabalho, pessoas - relações de diversas naturezas que marcam uma "morada", um existir “estabilizador e calmante, no seio do caos.” (DELEUZE e GUATTARI, 1997, p.116). Para que esse espaço seja delimitado, é necessário que haja uma atividade de seleção de forças. Para além da perspectiva geográfica do termo território, o filósofo francês Gilles Deleuze (1925-1995) e o psicanalista Felix Guattari (1930-1992) compreendem que é a potência de expressão que o define: “Há território a partir do momento em que componentes de meios param de ser direcionais para se tornarem dimensionais, quando eles param de ser funcionais para se tornarem expressivos.” (Ibid., p.121). Nesse sentido, é possível pensar que um território existencial constitui-se a partir de um conjunto de componentes, inclusive o corpo, como uma das forças que delineiam um “lugar de expressão”. Os próprios autores explicitam esta dimensão: “Há toda uma arte das poses, das posturas, das silhuetas, dos passos e das vozes. (…) Se for preciso, tomarei meu território em meu próprio corpo, territorializo meu corpo: a casa da tartaruga, o eremitério do crustáceo, mas também todas as tatuagens que fazem do corpo um território" (Ibid., p.128). São muitos os territórios que compõem uma existência. Um território é sempre um lugar de passagem, pois as subjetividades são incessantemente processualizadas por meio de forças múltiplas e potentes nos processos de subjetivação. Territorialização e desterritorialização são movimentos constantes. Criar territórios por meio das roupas e da composição da aparência implica uma atenção para aquilo que se passa sensivelmente: *ouvir* o corpo e, a partir dessa escuta, compor paisagens expressivas.

É ao longo do século XX que o corpo passa a funcionar como um dos mais férteis terrenos da materialização dos cruzamentos entre a ciência, a tecnologia, o design, a moda, as artes e inúmeros outros setores produtivos, cujas políticas e economias são atravessadas por investimentos tão complexos quanto simplificadores de sua natureza orgânica e biológica. Especialmente a partir dos anos 1950, o corpo vive e participa de um momento histórico no qual se apresenta como portador-vetor-expositor dos

mais intensos paradoxos contemporâneos e se mostra tão fortalecido quanto fragilizado, tão famoso quanto esquecido, tão exposto quanto blindado, tão visível quanto inexpressivo. A valorização do corpo na constituição identitária reforça sua afirmação como terreno para *tornar-se si mesmo*.

Em diferentes momentos da história, é possível perceber que os componentes dos processos de subjetivação oscilam suas forças: cada época tece seus fios de determinada maneira. A partir do século XX, podemos considerar que é principalmente sobre a pele, "uma subjetividade que ganhou o lugar privilegiado de estar ao mesmo tempo no corpo e no mundo" (SANT'ANNA, 1995, p.262), que apresenta-se a forma comumente chamada de indivíduo, de sujeito, de eu ou de você. Os corpos, assim como a subjetividade, são delineados por uma série de agenciamentos que os produzem e os desfazem incessantemente. É pertinente considerar os modos de interferir sobre os corpos, as maneiras de vestir e de adornar como elementos que compõem-se com os outros vetores, os quais produzem os modos de ser, os modos de relação a si, as subjetividades.

Nesse contexto, dito "corpocêntrico", outro conceito que delineia o contexto no qual o *Projeto CUIDE-SE* é formulado é a definição de "cultura somática", apresentada pelo psicanalista Jurandir Freire Costa. O autor ressalta o corpo, a aparência e a visibilidade como fortes vetores de processos de subjetivação no contemporâneo. Costa delineia uma sensibilidade exacerbada para a aparência e um encantamento pelo corpo que tornam o ambiente propício ao desejo de uma "boa vida física', com a intensidade com que outrora desejávamos a paz espiritual, a honra cívica ou o prazer sentimental" (COSTA, 2004, p. 215, grifo do autor). As principais características da cultura somática promovem o entendimento das condutas éticas pelo conhecimento da materialidade corporal e estão ligadas a aspectos assim como a atribuição de origem e causas físicas para atos psicológicos e as aspirações morais baseadas em desempenhos corpóreos ideais, aos quais nos habituamos mais e mais. Em suas *Notas sobre a cultura somática*, o psicanalista afirma que suas considerações são atravessadas por uma particularidade na relação entre vida psicológico-moral e a vida física: "referir o sentimento de

identidade ao corpo, significa definir *o que somos* e *devemos ser*, a partir de nossos atributos físicos" (Ibid., p. 203, grifos do autor).

A "personalidade somática" é apontada como aquela que "tem na imagem social do corpo o suporte, por excelência, do caráter ou da identidade" (Ibid., p.195). Encarna esta personalidade, um corpo privilegiado como referente para a construção da sensação identitária, um corpo *musculoso* na concentração de valores, *malhado* de investimentos afetivos em sua imagem, *bombado* de disponibilidade para ser visível. Em torno das possibilidades de composição, reinvenção e ressignificação, proliferam os discursos sobre a autonomia do gerenciamento de si e sobre inúmeras opções disponíveis: os dispositivos vestimentares, o uso de medicamentos emagrecedores, o consumo de vitaminas que avolumam os músculos, as intervenções invasivas, a utilização de produtos cosméticos transformadores e, em última instância os projetos genéticos, são exemplos de procedimentos que, entre outros, ocupam a subjetividade contemporânea do ofício do "design de si" (BRETON, 2003, p.22).

Design de si: eis mais um conceito que colabora em nossa contextualização. Breton utiliza esta expressão ao referir-se a práticas assim como o *body building*, o transexualismo ou cirurgias plásticas. Entretanto, tomamos a liberdade de ampliar o conceito (não sem uma certa ironia), no sentido de entendê-lo como uma prática valorizada no que tange à tomada do corpo e da aparência como *locus* subjetivo. Para tanto, compreende-se que o design de si abarca diversas práticas que reforçam as ligações entre a composição da aparência e a expressão subjetiva; entre os investimentos na produção e transformação do corpo e a constituição de uma "sensação de si". Para atender esta demanda, a indústria dos produtos que orbitam em torno dos fluxos vestimentares e da composição da aparência não mede esforços, que são intensificados por meio de diferentes áreas do conhecimento e diversificam-se nas órbitas do mercado. Este oferta produtos e intervenções nos mais diversos campos, desde a Medicina até a Biotecnologia, passando pelas academias de condicionamento físico, pelas técnicas de

conscientização, pelas inúmeras possibilidades cosméticas e pela Moda. Ciente de seu papel na configuração do eu, um amplo espectro de áreas ocupa-se em suprir o mercado com produtos, cuja conexão com experiências e sensações, possa favorecer a aparência como *locus* subjetivo e reforça as ligações entre a composição do corpo e sua expressão subjetiva por meio de campanhas de comunicação e marketing. Os intensos investimentos na produção da imagem pessoal se dão, principalmente, no sentido de delinear uma aparência capaz de constituir e expressar algo da ordem de uma "sensação de si", ainda que o *tornar-se si mesmo* abarque a idéia de identidades móveis e/ou metamorfoseantes.

Vale lembrar que, em diferentes momentos históricos nos quais as variáveis constituintes da "sensação de si" estiveram deslocadas da dimensão física, o corpo esteve praticamente excluído do processo de constituição subjetiva. Se outras configurações da subjetividade já produziram, até mesmo, um certo menosprezo pelo corpo[5], o inverso estampa-se em nosso tempo, que configura uma evidente corpolatria, capaz de transformar os modos de relação a si. É pertinente retomar COSTA (2004), quando o autor nos lembra que a participação do corpo na formação da sensação identitária modifica-se amplamente no contexto da "moral do espetáculo"[6]. Essa moral, além de apontar o crescimento avassalador do papel social da mídia no sentido de pautar, reordenar e intermediar os referenciais daquilo que seria um "modo de vida ideal", também faz com que se criem poderosas conexões entre o sucesso social e certos atributos físicos, avalisando assim, um priviégio da fisicalidade e um desvio da atenção da vida sentimental para a vida física.

A passagem de uma "cultura da intimidade" para uma "cultura da visibilidade" (COSTA, 2004, p.164.) reforça os intensos movimentos no sentido de valorizar o corpo na constituição identitária, de afirmar sua autenticidade e

[5] Na Antiguidade Clássica o corpo estava a serviço da ação; na Modernidade, era encarado como uma reserva de instintos a serem domados, em prol da evolução sentimental. COSTA, 2004, p.205. Sant'Anna também nos apresenta um breve passeio pela história do corpo. SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. *Horizontes do corpo.* In: BUENO, Maria Lucia e CASTRO, Ana Lúcia de (Orgs.) *Corpo território da cultura*. São Paulo: Editora Anna Blume, 2005, p. 122-126.

[6] Neste momento, Costa faz referências ao pensador Guy Debord que aponta como dilema contemporâneo não mais a escolha entre "ser" e "ter", mas entre "ser" e "parecer", afirmando a condição de um sujeito-espectador passivo de um mundo e de uma vida plena de entretenimentos (DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo.* Trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 2005) (COSTA, 2004, p.227-235).

garanti-lo como terreno para *tornar-se si mesmo*. Além disso, define um remapeamento cognitivo do corpo físico, dado pelo avanço de alguns campos como a ciência, a tecnologia, a cultura, a religião e a filosofia. Os progressos científicos que conferem ao corpo possibilidades de ser um fim em si mesmo e voltar-se para sua própria autoconservação, são ressaltados por descobertas da Neurociência e da Psicofisiologia, que enterram o dualismo mente-corpo.

Nesse sentido, seguimos com o psicanalista, enfatizando o recorte da configuração corpocêntrica da subjetividade, consolidada ao longo do século XX:

> [...] a virada somática na cultura produziu uma verdadeira revolução na percepção da corporeidade física. […] Antes visto como matéria bruta para a construção de ideais sentimentais, intelectuais, espirituais ou cívico-morais, [o corpo] agora se reapresenta como o novo locus da dignidade ontológica, epistemológica e ética do sujeito (COSTA, 2004, p. 95).

Nesse contexto nasce o *Projeto CUIDE-SE [o cuidado de si: atividades sobre você, seu corpo, sua roupa e sua imagem],* que desenvolve-se no âmbito da perspectiva entendida como "Clínica Ampliada", tal como definida pelo Glossário da PNH[7] - Política Nacional de Humanização - que norteia as práticas do SUS, não apenas na área de saúde mental. Em breve abordagem, podemos entender que o termo "ampliada" implica práticas que vão além do paciente, tais como atuar na família e/ou no contexto social. É também relativo à expansão dos recursos de intervenção, visando produzir saúde e aumentar a autonomia do sujeito, da família e/ou da comunidade. Utiliza como meios de trabalho a integração de equipe multiprofissional, a elaboração de projeto terapêutico conforme cada caso e ampliação dos recursos de intervenção sobre o processo saúde-doença, entre outros recursos (PNH, Brasília, 2006). Assim sendo, seguiremos apresentando o Projeto, que vem funcionando como um dos dispositivos da Clínica Ampliada do Instituto Sedes Sapientiae.

[7] 3ª edição, Brasília 2006. Disponível em http://www.saude.sc.gov.br/hijg/gth/Cartilha%20da%20PNH.pdf. Acesso em 15 Mai 2015.

2- Contexto, proposta e procedimentos do Projeto CUIDE-SE

> Colocar a invenção psicanalítica sob a égide de um paradigma estético não significa de forma alguma desvalorizá-la. A cura não é obra de arte, mas deve proceder do mesmo tipo de criatividade. (GUATTARI, 1992, p.200-201).

Sobre o contexto no qual esta proposta se faz, vale ressaltar outra vez que os diversos cuidados de si, bem como os elementos componentes da aparência, entre outras intervenções corporais, são pensados como interfaces produtivas para articular e mediar as relações entre as subjetividades individuais e o mundo. Em outras palavras, esta proposta dialoga com o pressuposto de que algumas variáveis articuladas com a constituição e manutenção da aparência corporal funcionam como vetores de interação 1) entre os modos de se ver e as maneiras de perceber o olhar do outro 2) entre instâncias individuais e dimensões coletivas e 3) entre as possibilidades de composição da aparência como potência de subjetivação e não como lugar de submissão.

Nossas hipóteses são demarcadas pelo entendimento de que a subjetividade vive um intenso aquecimento de alguns de seus fluxos como, por exemplo, aqueles que regem a apresentação dos corpos. Se existir é uma questão, aparecer e variar o parecer configuram-se como respostas fortalecidas para constituir lugares de existência e delinear uma sensação de si.

Desta forma, consideramos que os modos de interação entre os corpos e a composição da aparência podem configurar-se de diversas maneiras e envolver diferentes graus de potencialização ou despotencialização de forças vitais, de modo a suscitar níveis diversos de prazer ou sofrimento, além de outras tantas sensações e, até mesmo, quadros sintomatológicos. Além disso, podemos considerar que as mudanças no corpo, no vestir e na aparência podem ser significantes de aparência de mudança, ou seja, sugerem mudanças interiores, reconfigurações subjetivas e, muitas vezes, novas formas de expressão.

Nessa linha de pensamento, é possível considerar que o modo como os sujeitos lidam com sua própria imagem - incluindo a escolha de roupas e acessórios, além de outras intervenções corporais tais como corte de cabelo, maquiagem e cuidados pessoais – podem revelar modos de interação consigo, com o outro e com o mundo e formar um conjunto de variáveis capaz de explicitar diferentes nuances da constituição identitária. Vale, portanto, ressaltar que os cuidados de si podem configurar-se como o resultado da interação entre uma multiplicidade de referências conscientes e inconscientes.

O que pode o corpo? A pergunta que atravessa a obra do filósofo holandês Baruch Espinoza (1632-1677), bem como o modo como Deleuze (2002) faz uma leitura de sua obra, aqui colaboram para lembrar que nossa hipótese é atravessada pela premissa de que há um grau de potencialização dos corpos/sujeitos, disparado na instância das relações entre corpos/sujeitos/aparência. Tal como nos aponta o mesmo filósofo, os “bons encontros” são potencializadores, mobilizam e intensificam a potência de um corpo, diferentemente dos “maus encontros", que ocorrem quando uma composição despotencializa a vitalidade de pelo menos um dos corpos em questão. Nesse sentido, Guattari também dialoga conosco, quando afirma:

> "A produção maquínica de subjetividade pode trabalhar tanto para o melhor como para o pior (…) O melhor é a criação, a invenção de novos Universos de referência; o pior é a mass-midialização embrutecedora, à qual são condenados hoje em dia milhares de indivíduos" (Guattari, 1992:15-16).

Estas proposições tem sido investigadas pelas práticas do *CUIDE-SE.* Os tópicos seguintes apresentam o projeto tal como está formatado neste momento, pois desde sua apresentação ao Instituto Sedes Sapientiae, os procedimentos vem sofrendo ajustes e avançando em aspectos teóricos e práticos, bem como na concepção de seu formato.

2.1- Diretrizes

No espaço de atividades denominado *O cuidado de si [atividades sobre você, seu corpo, sua roupa e sua imagem]* ou *Projeto CUIDE-SE* são propostas atividades paralelas e não concorrentes com outras práticas terapêuticas, tais como a psicoterapia e a terapia ocupacional. Na perspectiva de uma clínica ampliada, o propósito do projeto é provocar questionamentos e reflexões e exercitar, catalisar e agenciar práticas expressivas e desenvolvimento de potencial criativo e ativo sobre si mesmo, pautados por ações ligadas ao corpo e à aparência. Nesse sentido, é importante ressaltar que, embora não seja o objetivo original, as atividades podem ter um alcance terapêutico.

A diretriz que perpassa as práticas propostas pelo *CUIDE-SE* é que as mesmas sejam disparadoras de questões relativas ao corpo, bem como à maneira como os participantes manejam e/ou constroem suas próprias aparências e imagens. Nesse sentido, compreendemos que os profissionais envolvidos mediam a instauração de um espaço-tempo para atividades diversas, cujo enfoque deve ressaltar 1) modos de (se) ver; 2) formas de (se) relacionar; 3) estratégias de ação sobre o corpo e sobre a aparência e 4) reflexões sobre estas estratégias.

2.2- Objetivos

Nesse contexto, os principais objetivos do projeto estruturam-se da seguinte forma:

1- Criar uma ambiência de encontro e um espaço de trocas onde se possa refletir sobre o corpo, a constituição da aparência, as estratégias de composição da aparência, a submissão à moda e os vínculos que se estabelecem a partir da aparência, de modo a possibilitar agenciamentos afetivos, consigo mesmo e com o outro.

2- Propor e mediar atividades afinadas com a dimensão identitária ou sensação de si, que toquem especificamente em questões tais como “ser”, o que “gostaria de ser”, o “modo como outras pessoas percebem o ser”, a sintonia entre “ser”, corpo e aparência.

3- Agenciar ações e reflexões por meio de atividades mediadoras que perpassem o desenvolvimento de potencial criativo e ativo sobre si mesmo, pautado por ações ligadas à aparência.

4- Promover o trânsito entre subjetividades que promovam o agenciamento de variáveis inscritas entre a dimensão individual e a instância coletiva.

5- Instaurar possibilidades para a produção de “territórios existenciais”, práticas potencializadoras e estabelecimento de vínculos, a partir de ações ligadas aos cuidados de si.

6- Refletir sobre e agenciar a ampliação de sentidos do conceito e de práticas do cuidado de si.

2.3- Formato

O projeto é dirigido aos pacientes da Clínica do Sedes Sapientiae, adultos e/ou adolescentes maiores de 14 anos, encaminhados por terapeutas da Clínica ou interessados pela divulgação realizada por cartazes. Não há seleção dos participantes. As adesões para a composição do grupo se dão por ordem de chegada na data/local de inscrições (Secretaria da Clínica do Sedes), após divulgação do projeto na sala de espera e junto aos terapeutas.

Em síntese, os termos do formato de funcionamento são os seguintes:

1- Número de participantes do grupo: mínimo de quatro e máximo de oito.

2- Frequência: os módulos são compostos por oito encontros, um por semana, com duas horas de duração.

3- Coordenação: é realizada por um ou dois psicoterapeutas, que trabalham como propositores e mediadores das atividades, reflexões e questões.

4- Vínculo dos pacientes com outros projetos e/ou clínica do Sedes Sapientiae: é necessário que o paciente esteja em psicoterapia individual, em grupo ou que integre algum outro projeto abrigado pela clínica.

5- Em termos de espaço físico, a configuração do local deve ser neutra e, ao mesmo tempo, acolhedora. O local deve ser propício à realização de

diversos tipos de atividade. A princípio, considera-se que a sala deve ter uma mesa coletiva ou mesas individuais possíveis de serem deslocadas para formar círculos. de modo a facilitar a manipulação de materiais.

6- Em relação à delimitação subjetiva, o espaço deve contemplar a proposta de agenciamento de práticas expressivas pautadas por ações ligadas ao corpo e à aparência. Embora as atividades possam ter um alcance terapêutico, a ideia é que as questões suscitadas pelas atividades devam ser encaminhadas para a terapia pessoal.

2.4- Materiais e atividades: disparadores

Vale apresentar uma descrição breve de cada uma das atividades realizadas nos oito encontros.

1- Dinâmica de apresentação, focada no corpo, na roupa e na aparência. São exploradas as dificuldades para falar de si, tendo o próprio corpo como referencial e, ao mesmo tempo, sobre como este referencial é o principal enfoque. As expectativas sobre o projeto são apresentadas e o contrato entre grupo e terapeutas é discutido. O fechamento se dá com a apresentação de pranchas com imagens da obra PROCURO ME, de autoria da artista visual paulistana Lenora de Barros (1953 -).

2- Dinâmica de apresentação de si e do outro, centrada na aparência. Esta atividade enfoca questões sobre o que se destaca na imagem e sobre o descompasso entre a percepção de si e olhar do outro. Agenciamento do conceito de “cuidado de si”, por meio de materiais organizados na “caixa de cuidados”.

3- A roupa como componente da sensação de si. O acervo de peças do Projeto é disponibilizado. A partir deste material e de peças específicas trazidas pelos participantes, as atividades enfocam modos de interação entre sujeito e roupa; as fantasias em torno das roupas; as possibilidades de afirmação de si; de reinvenção de si; de desprendimento das linhas identitárias. Explora-se possibilidades da instauração de uma ética para estas relações.

4- A moda como lugar de submissão e como componente da sensação de si. A atividade desenvolve-se a partir da apresentação de pranchas de

imagens de certoXerrado, coletadas em revistas e websites. Após as reflexões em torno dos modos de relação com a moda, com a imprensa, com as refefências da mídia e da publicidade, são realizados exercícios de colagens para montagens livres com imagens de revistas.

5- História(s) e aparência(s). Esta atividade é disparada por imagens pessoais dos participantes, fotografias diversas com diferentes vestimentas e em diferentes momentos da vida, para as quais são criadas legendas escritas ou desenhadas. O grupo é estimulado a refletir sobre as mudanças que ocorrem e/ou que são produzidas e inscritas no corpo; sobre as relações entre corpos, roupas e memórias afetivas; sobre a aparência que revela em maior ou menor grau aquilo que se passa na subjetividade. O fechamento se dá com a apresentação de trabalhos de artistas que usam as roupas para apresentar histórias, memórias e/ou outras significações afetivas e simbólicas, tais como a americana Diane Savona (1949 -), a canadense Jana Sterback (1955 -), os ingleses Lucy Orta (1966 -) e Stephen Willats (1943 -), a Argentina Nicola Constantino (1964 -), entre outros.

6- Constituição identitária e sensação de si: que rosto você tem, que rosto você gostaria de ter? Retoma-se o trabalho de Lenora de Barros, apresentado na primeira atividade. A conversa é estimulada em torno do desencontro entre “procurar-se” e “encontrar-se”, tanto a partir dos próprios referenciais, quanto em relação ao olhar do outro. Além disso, são exploradas reflexões sobre a aparência como lugar de constituição da sensação de si. A atividade ocorre com o exercício de observação do rosto no espelho; o desenho do rosto refletido no espelho; e experimentações com maquiagens diversas, óculos, perucas e acessórios de cabelo.

7- Que corpo tenho? Que corpo apresento? Quem sou eu diante do outro? As diretrizes desta atividade giram em torno de questões sobre o que se revela e o que se esconde na interação entre corpos e roupas. Após experiência de imaginar e descrever o próprio corpo diante do espelho, os participantes verificam pranchas com imagens de pessoas nuas e vestidas, coletadas nos projetos *Naked*[8], realizados pelo fotógrafo americano Greg Friedler (1970 - 2015) e em seus livros. A abordagem circula por questões

[8] www.gregfriedler.com

sobre a nudez, sobre modos de interação e graus de sintonia entre corpos e roupas, sobre a sintonia e o descompasso entre o real e o imaginário, sobre a diversidade de corpos, sobre a expressividade do corpo e das roupas.

8- O cuidado de si e o cuidado do outro: vínculos entre os âmbitos individual e coletivo: A partir e uma retrospectiva dos sete encontros, a proposta é o exercício de criação de uma ética - em oposição a uma moral - para as práticas que envolvem o corpo, a roupa e a aparência. A observação de uma "roupa coletiva" montada pelas terapeutas, visa agenciar conversas sobre o conceito de "bom encontro", no sentido potencializar as diversas nuances das práticas do cuidado de si.

3- Considerações finais

No terceiro volume da *História da Sexualidade*, Michel Foucault descreve elementos constituintes de uma "cultura de si" na civilização grega. Em determinado momento, elenca três perspectivas para o que ele chama de "atitude individualista". A última delas diz respeito à "intensidade das relações consigo, isto é, das formas nas quais se é chamado a tomar a si próprio como objeto de conhecimento e campo de ação para transformar-se [...]" (FOUCAULT, 1985, p.48). Diversas atividades em torno da palavra, da escrita, bem como do corpo e da convivência coletiva desenvolveram-se no contexto abordado pelo autor, marcado pela interligação entre práticas individuais, sociais e políticas.

No *CUIDE-SE*, a abordagem de Foucault é bastante cara, não apenas pela explícita referência do nome do projeto ao subtítulo do 3º volume da *História da Sexualidade: o Cuidado de Si*, mas também pela atenção que o autor confere às conexões entre os cuidados individuais e os modos de se relacionar com o âmbito coletivo. A proposta do projeto se estabelece nessa linha de pensamento, a partir de agenciamentos dos componentes de uma sensação de si, delineada a partir dos cuidados com o corpo, dos produtos e artefatos envolvidos na constituição da aparência.

Guattari também colabora conosco, quando aponta o "necessário 'engajamento' não somente dos operadores 'psi', mas de todos aqueles que estão em posição de intervir nas instâncias psíquicas individuais e coletivas (através da educação, saúde, cultura, esporte, arte, mídia, moda, etc.)" (GUATTARI, 2009, p.21). E segue, corroborando com nossa proposta quando ressalta que "o conjunto dos campos 'psi' se instaura no prolongamento e em interface aos campos estéticos" (Idem).

Após as experiências com dois grupos de pacientes e de reuniões sistemáticas entre os profissionais envolvidos, o projeto de pesquisa *O cuidado de si: conexões entre Design, processos de subjetivação e Arte contemporânea* segue tendo o *Projeto CUIDE-SE* como enfoque. As primeiras experiências trouxeram amadurecimento para o desdobramento das práticas e vem estimulando a investigação de uma série de tópicos, especialmente nas obras de Foucault e de Guattari. Nesse sentido, para finalizar nossa comunicação, elencamos algumas das questões que seguem permeando nossos trajetos: De que modo pensar o cuidado de si a partir de uma ética? Como se processam cuidados éticos-estéticos para potencializar a vida e os processos de singularização? De que modo as práticas de si podem estar inseridas no contexto mais amplo de práticas sociais, para além de uma ótica individualista? Como se produzem vínculos a partir dos cuidados de si? Como o cuidado de si pode constituir-se como prática de resistência e criação? Nas referências bibliográficas a serem consultadas, apontamos títulos em fase de pesquisa.

Referências bibliográficas

BRETON, David Le. *Adeus ao corpo: Antropologia e sociedade.* Trad. Marina Appenzeller. Campinas: Papirus, 2003.

COSTA, Jurandir Freire. *O vestígio e a aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo.* Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2004.

DELEUZE, Gilles. *Espinosa: Filosofia Prática*. São Paulo: Editora Escuta, 2002.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. *vol 4.* Trad. Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 1997.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade III: o cuidado de si*. Trad: Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. Graal, Rio de Janeiro, 1985.

GUATTARI, Felix. *Caosmose: um novo paradigma estético*. Trad. Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Editora 34, 1992.

_____. *As três ecologias*. Trad. Maria Cristina F. Bittencourt. 20ª edição. Papirus, São Paulo, 2009.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. Corpo e história *in Cadernos de Subjetividade* v.3; n.2; set-fev. Programa de estudos pós-graduados em Psicologia clínica. PUC/SP. São Paulo: EDUC,1995.

Referências bibliográficas a serem consultadas

BOLSONI, Betania Vicensi. *O Cuidado de si e o corpo em Michel Foucault: perspectivas para uma educação corporal não instrumentalizadora.* Artigo apresentado no IX ANPED Sul: Seminário de Pesquisa e Educação da Região Sul. Caxias do Sul. (2012) Disponível em http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/view/1577/920. Acesso em 15 Mai 2015.

FOUCAULT, Michel. A ética do cuidado de si como prática da liberdade. In: *Ditos & Escritos V - Ética, Sexualidade, Política.* Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

GRABOIS, Pedro Fornaciari. *Sobre a articulação entre cuidado de si e cuidado dos outros no ultimo Foucault: um recuo histórico à Antiguidade.* In *Ensaios Filosóficos*, Volume III - abril/2011. Disponível em http://www.ensaiosfilosoficos.com.br/edicao3.htm Acesso em 15 Mai 2015.

_____. *Práticas éticas de subjetivação e resistência política em Michel Foucault.* In *ECOS: Estudos Contemporâneos da Subjetividade*. Vol. 3, Nº1, 2013. Disponível em http://www.uff.br/periodicoshumanas/index.php/ecos/issue/view/191/showToc Acesso em 15 Mai 2015.

ORELLANA, Rodrigo de Castro. *A ética da resistência*. In Ecopolítica. Vol. 2, 2001-2012. Disponível em http://revistas.pucsp.br/index.php/ecopolitica/issue/view/628/showToc Acesso em 15 Mai 2015.

SOUSA FILHO, Alípio de. *Foucault: O Cuidado de Si e a Liberdade, ou a Liberdade é uma Agonística*. In ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de, VEIGA-NETO, Alfredo, SOUZA FILHO, Alípio de (Orgs.) *Cartografias de Foucault*. Belo Horizonte: Editora Autentica, 2008.

WANZELER, Murilo Cunha. *O Cuidado de Si em Michel Foucault.* Dissertação de Mestrado. Orient: Prof. Dr. Paulo Tarso Cabral Medeiros. Programa de Pós-graduação em Filosofia da Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2011.